



EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO

FUNDAMENTAL: uma abordagem acerca dos desafios estabelecidos na comunidade escolar

Railane Santos Sousa¹
Ivany Steffany Brito do Nascimento²

RESUMO

A Educação Sexual não se limita ao entendimento biológico do corpo humano ou atos sexuais, mas abrange a sexualidade, o gênero, a saúde, o emocional, e demais características que constituem a identidade de um indivíduo e promovem o respeito às singularidades. No contexto escolar, a Educação Sexual continua sendo alvo de muitos debates. As concepções nutridas socialmente, fazem com que a temática seja relacionada a uma conduta imoral, que deve, em quaisquer circunstâncias, ser censurada da vida de crianças e adolescentes. Entretanto, é necessário que se compreenda a amplitude do seu conceito e a subjetividade com que é trabalhado em sala de aula, tendo em vista que, está diretamente ligado e possui forte influência na manifestação das individualidades e do autoconhecimento dos educandos. Assim, o presente trabalho tem como objetivo, explorar as implicações da cultura moral-tradicionalista na Educação Sexual em ambientes escolares, bem como os avanços na sua compreensão. Para tanto, utilizou-se de estudos bibliográficos partindo das perspectivas de autores como FURLANI (2011) e RAFART (2020), além da aplicação de questionário semiestruturado com mães/pais e profissionais de escolas de Ensino Fundamental do município de Imperatriz, Maranhão. A sexualidade, o gênero e o corpo ainda são tratados de forma velada nos ambientes educacionais, e, em determinadas situações, é mal interpretada pelos familiares, que têm a Educação Sexual como uma má influência ou corrompimento da personalidade das crianças e adolescentes, gerando receios e limitações para os docentes na realização de seus planejamentos.

Palavras-chave: Educação Sexual, Sexualidade, Gênero, Identidade.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, prevaleceu uma concepção superficial a respeito da Educação Sexual, na qual ela foi vista como uma maneira disfarçada de transmitir conteúdos indecentes para as crianças, e que, portanto, corrompe a sua personalidade, antecipando assuntos que, até então, eram tidos como assuntos “adultos”. Entretanto, com o passar dos anos, essa visão começou a ser desconstruída e constatou-se que a Educação Sexual deve ter a sua essência analisada de modo aprofundado, para que se compreenda o seu real sentido e funcionalidade,

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, railanesousa.20190001490@uemasul.edu.br;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, ivanyascimento.20190001810@uemasul.edu.br.

uma vez que, esta possui uma relação de identidade com o ser humano, abrangendo a sua sexualidade, o gênero, a saúde física e mental, e os demais aspectos que englobam a vida, o corpo de pessoas de todas as idades e o respeito entre os indivíduos, além de proporcionar o autoconhecimento e, conseqüentemente, o autocuidado que se faz necessário.

A Educação Sexual se manifesta, portanto, em meio a inúmeros debates, levantando diferentes pontos de vista, desde o pensamento mais conservador e tradicionalista. Dessa forma, diante de todas as discussões e já sendo tratada com certo receio dentre os adultos, a Educação Sexual enfrenta um desafio ainda maior para ser inserida na vida de crianças e adolescentes, principalmente no contexto escolar, considerando que a escola interliga as crianças, os professores, a família, a sociedade, e o governo, e é dependente de todos que nela se envolvem.

Dessa forma, o presente estudo vem discorrer a respeito da Educação Sexual no currículo do Ensino Fundamental, analisando os desafios que se fazem presentes em toda a comunidade escolar, e interferem no trabalho do professor e no desenvolvimento dos educandos ao construírem as suas próprias concepções acerca dessa temática. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo principal, explorar as implicações da cultura moral-tradicionista na Educação Sexual em ambientes escolares, bem como os avanços na sua compreensão.

Utilizou-se para a produção do artigo, estudos bibliográficos que partiram das perspectivas de autores como FURLANI (2011) e RAFART (2020), além da aplicação de questionário semiestruturado com mães/pais e profissionais de escolas de Ensino Fundamental do município de Imperatriz, Maranhão. A partir dos resultados obtidos, evidencia-se que a sexualidade, o gênero e o corpo ainda são tratados de forma velada nos ambientes educacionais, e, em determinadas situações, é mal interpretada pelos familiares, que têm a Educação Sexual como uma má influência ou corrompimento da personalidade das crianças e adolescentes, gerando receios e limitações tanto para os docentes na realização de seus planejamentos e execução do seu trabalho, quanto para os seus alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sendo alvo de muitos debates e de julgamentos que se baseiam nas preconcepções nutridas pela sociedade, a Educação Sexual enfrenta dificuldades para ser introduzida nos ambientes escolares. Um dos principais fatores que interferem na sua inserção em sala de aula, é o fato de ser tratada como um assunto proibido desde a infância dentro e fora dos lares, apenas

por ser interpretada de maneira rasa, em que o ponto central da temática seria incentivar as crianças e adolescentes a darem início à vida sexual.

No entanto, a Educação Sexual vai além de uma relação libidinosa entre os indivíduos e da interpretação biológica do corpo humano. O receio dos familiares em discutir a temática com as crianças e adolescentes é completamente compreensível, mas ao contrário do que se pensa, ao privá-los de compartilhar as suas dúvidas, suas descobertas e suas experiências, eles não estão sendo protegidos e sim prejudicados e instigados a procurar outros ouvidos que os façam sentir-se entendidos. Crianças e adolescentes se encontram em fases de descobertas, a cada minuto surge uma nova curiosidade, e o instinto sempre será procurar uma nova fonte de informações que satisfaça as suas dúvidas.

Apesar de ser uma problemática com a família e a sociedade, os efeitos dessa censura também se alastram nas instituições de ensino, onde também é possível notar algumas controvérsias a respeito da Educação Sexual. Durante muito tempo, a Educação Sexual foi reduzida ao reconhecimento e identificação das partes do corpo humano, os membros superiores e inferiores; pênis para os meninos e vagina para as meninas; dois gêneros (relacionando-se ao sexo feminino e masculino) e apenas uma sexualidade (heterossexual), sendo os ensinamentos completamente relacionados ao modelo tradicional esperado e aprovado pela sociedade.

Desse modo, os planejamentos das aulas no Ensino Fundamental também continuaram a ser restringidos somente aos livros didáticos da disciplina de Ciências, na maioria das vezes não se aprofundando, por conta do constrangimento do professor com a maneira com que os alunos estariam a lidar com o tema. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “[...] Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo (BRASIL, 1997 p. 78)”. Ademais, com o assunto sendo trabalhado abertamente, esse constrangimento seria reduzido, pois não haveria motivos para piadas ou inquietações.

Outro meio bastante utilizado para trabalhar a Educação Sexual dentro das escolas, são as palestras informacionais sobre gravidez na adolescência e Doenças e Infecções Sexualmente Transmissíveis (DSTs/ISTs). Todavia, é necessário compreendermos que não se pode informar e alertar as crianças e os adolescentes para os perigos que se relacionam a toda a temática da Educação Sexual (gênero, sexualidade, saúde, emocional), sem que eles ao menos conheçam o próprio corpo, se nem ao menos possuem sólida a sua identidade, ou sequer estão nessa jornada

de descoberta e construção de si mesmo. Assim, as palestras e oficinas que utilizam essas questões como assunto principal são extremamente relevantes, porém, não são de grande efeito quando realizadas apenas em determinada época do ano, sem que haja uma continuidade ou uma introdução; ou quando utilizadas somente para amedrontar o público-alvo. Além disso,

Essa ênfase na reprodução é a principal responsável pelo raciocínio de aceitar (como possível, como normal, como “natural”) exclusivamente o envolvimento sexual e afetivo entre pessoas do sexo oposto. Além disso, traz outras implicações e limitações: 1. legitima apenas a vida sexual daquelas pessoas que estão no período reprodutivo, ou seja, na adolescência e na vida adulta, e desconsidera a possibilidade de vivência da sexualidade na infância e na terceira idade [...] (FURLANI, 2011, p. 95).

Isto posto, é inegável a necessidade de se reforçar a abrangência dos conceitos de gênero e sexualidade, enfatizando o autoconhecimento desde a infância, visto que, a vida sexual não começa a se fazer presente somente com relações sexuais entre parceiros, mas a partir do momento em que se começa a perceber, entender ou sentir curiosidade a respeito do corpo (Por que o meu corpo é diferente do corpo do meu colega?). A vida sexual tem relação com envolvimento afetivo (desejos, vontades e prazer), mas, sobretudo, está relacionada com as personalidades e individualidades, isto é, uma relação de identificação e sensibilidade humana.

Assim, é ressaltada a significância do apoio, respeito e acolhimento oferecido na escola, como forma de aprofundamento no tema, não eliminando-o completamente da vida desses indivíduos e tratando como algo inexistente, mas os adaptando para entrar em acordo com cada idade e etapa de desenvolvimento, deixando de lado a subjetividade com que é trabalhada a temática, sendo este, mais um aspecto a ser trabalhado em toda a comunidade escolar, dando mais espaço para que os educando possam formar as suas próprias opiniões. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais, evidenciam que,

[...] cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão [...] Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (BRASIL, 1997, p. 83).

Logo, entende-se que, o trabalho da escola não se dará de forma avulsa, nem tampouco de acordo com as próprias crenças e princípios dos educadores, mas de forma coerente e elaborada de modo a beneficiar os alunos, eliminando as imposições para as diversas situações cotidianas, por mais simples, seja na escolha de uma profissão, na forma de se vestir e com quem uma pessoa pode ou não se relacionar, ou seja, é necessário que a escola se desprenda de construções sociais que frequentemente são utilizadas para definir o ser homem ou mulher, haja

vista que, a cultura a qual fazemos parte, diariamente nos bombardeia com pensamentos e frases sexistas e preconceituosas, assim,

A escola, além de reconhecido lugar para a construção do conhecimento, é também um ambiente de superação e de formação de opinião e comportamento. É na escola que podemos mostrar e vivenciar as boas práticas de ética no comportamento paritário das relações de gênero. Desse modo, uma escola que, dentro de seus muros, ignora as diversidades, ajuda a perpetuar as diferenças que geram as injustiças sociais. Além disso, os educandos sentem-se em desamparo quando a instituição não os compreende e não os protege, levando-os a buscar suas referências em grupos marginais, sejam eles sociais, culturais, econômicos ou políticos, sejam eles transgressores da lei. Logo, o excluído passa a fazer parte do grupo dos excluídos (RAFART, 2020, p. 171).

Diante disso, torna-se evidente que a criança constrói a sua identidade a partir da sua relação com o outro e com tudo que a rodeia, portanto, a abordagem utilizada na Educação Sexual influenciará na forma como as crianças e adolescentes irão interpretar e apropriar-se da temática construindo suas próprias concepções e atribuindo significados aos conceitos desenvolvidos em sua vida, na vida de seus pares e de pessoas com quem se relaciona ao longo do dia.

A sexualidade não é algo que se pode isolar da vida em sociedade, pois, apesar de ser encarada como um tabu, e, constantemente, delegada aos adultos, ela é trabalhada a todo momento, direta ou indiretamente, visto que, está presente no dia a dia, nas mídias sociais e demais meios de comunicação em que as crianças e adolescentes não se encontram isoladas, ou seja, elas estão expostas a qualquer tipo de informação passadas com ou sem responsabilidade, mas que se recai grandemente na desinformação.

Furlani (2011), cita algumas etapas cruciais para se trabalhar a Educação Sexual, de modo que ela seja contemplada efetivamente, sendo ressaltada a importância de ultrapassar os limites do conhecimento das partes e as mudanças do corpo de meninos e meninas, com a nomenclatura científica e a sua pluralidade – momento que espera-se que seja trabalhado na Educação Infantil, em que as crianças já se deparam com as diferenças biológicas entre os corpos e as noções de higiene pessoal, nudez e privacidade –, espera-se que sejam demonstradas, problematizadas e discutidas as questões sexistas, eliminando falas como “isso é coisa de homem” ou “isso é coisa de *mulherzinha*”, que discriminam e inferiorizam os indivíduos.

Assim como já fora destacado ao longo desta produção, é indiscutível a relação entre a vida sexual das pessoas (considerando o conceito de Educação Sexual aqui trabalhado) e o conhecimento de si próprio e das características particulares a um ser, assim, é necessário proporcionar às crianças e adolescentes, a sensação de pertencimento na sociedade em que se

vive. Para tanto, de acordo com Furlani (2011), faz-se crucial uma apresentação dos vários modelos familiares, pois

Numa educação sexual que busca problematizar a exclusão de diferentes identidades, é preciso incluir na discussão outras formas familiares, mesmo que elas não apareçam espontaneamente na fala das crianças. Por exemplo, mencionar as famílias onde a/o “chefe” – ou pessoa de referência – não é um homem; famílias com mulheres (e/ou homens) solteiras/os com filhos/as; famílias com filhas/os agregada/os de diferentes casamentos; famílias com filhos/as adotados/as; famílias constituídas por mulheres ou homens homossexuais com filhas/os legítimos ou filhos/as adotados/as; famílias onde os/as avós moram junto, etc (FURLANI apud FURLANI, 2011, p. 97).

Portanto, seguidas as etapas de acordo com a idade que se está trabalhando, a Educação Sexual desempenhará um de seus principais objetivos, o respeito às diferenças de gênero, sexualidade, raça e etnia, contribuindo para uma melhor convivência em uma sociedade tão diversificada como a que temos há muito tempo, mas que há pouco foi legitimada. Vale ressaltar, que não se trata de instigar as crianças e adolescentes a fazerem “escolhas” ou anteciparem a vida adulta, Educação Sexual está ligada à identificação, descoberta e autoconhecimento e não à perversão ou à criação de meios para a realização de algo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os questionários semiestruturados foram aplicados por meio de conversas informais com mães/pais e profissionais de escolas do município de Imperatriz, Maranhão. No âmbito familiar, foi possível notar a compreensão dos pais sobre a importância de se trabalhar a Educação Sexual nas escolas, entretanto, tem-se uma delimitação quanto ao assunto e a idade das crianças a que se refere, ou seja, deve ser trabalhada, mas é mais aceitável quando destinada aos Anos Finais do Ensino Fundamental ou aos alunos do Ensino Médio. As mães e os pais que participaram das conversas, relataram ainda, que a importância dessa temática se deve à necessidade de se discutir a prevenção de ISTs, gravidez na adolescência, e abuso sexual.

É de extrema relevância que seja destacado, que parte desse pensamento surge em função do modelo educacional ao qual essas pessoas fizeram parte, isto é, refere-se aos ensinamentos que lhes foram passados, seja no ambiente escolar ou no seu círculo familiar. Uma das falas que chamou a atenção em todos os relatos, foi referente aos avanços no quesito do entendimento e na abertura das mães e pais com os seus filhos e filhas, o fato de hoje ser mais fácil, ressaltando que, em suas adolescências, não tiveram muito espaço para diálogos.

Essa perspectiva não está equivocada, considerando que, dois dos aspectos que são enfatizados na Educação Sexual, são: o autocuidado e o respeito consigo e com o outro, aspectos esses, que estão diretamente ligados aos perigos ocasionados pela falta ou pelo excesso de informação acessada de maneira inadequada. Percebe-se, no entanto, a ausência dos demais elementos que a compõem, ou mesmo uma falta no entendimento desses conceitos, pois, pode ser algo praticado, mas que não tem o conceito ou a importância reconhecida, a exemplo disso, o relato de uma mãe, que aqui chamaremos de Joana³, que declarou não concordar com a Educação Sexual nos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois “é muito cedo para falar sobre esses assuntos, a idade aceitável para conversar sobre sexo é com 14 ou 15 anos”.

No decorrer da conversa, Joana começou a entender a amplitude da Educação Sexual e das temáticas que nela são abordadas, o significado que cada uma delas apresenta no desenvolvimento da criança e do adolescente, pois todos os assuntos relacionados à Educação Sexual, refletem significativamente no seu olhar para o mundo e na sua relação e inserção na comunidade em que vive. Logo depois, Joana reconheceu que dialoga com sua filha diariamente sobre questões específicas da Educação Sexual e entendeu a importância do professor e da escola, visto que é o primeiro contato para além do círculo familiar.

Quanto ao diálogo com os professores e professoras do Ensino Fundamental, verifica-se que há dualidade no posicionamento a esse respeito. Por um lado, vê-se como algo intrínseco ao ambiente escolar, é nítida a sua crucialidade. Por outro lado, apresentam-se ressalvas quanto a idade a que se deve trabalhar e sobre certas dúvidas que devem ser respondidas somente pelos pais ou responsáveis. Contudo, os questionamentos se fazem presentes e frequentes no cotidiano, assim, busca-se respondê-los sempre que são feitos em sala de aula.

Os docentes relatam que o assunto é abordado nos livros didáticos e que se planejam por meio dele, utilizando também como recursos, vídeos educativos que são esquematizados e de fácil entendimento. Quanto à preparação para a execução do trabalho, alguns participaram de formações/oficinas sobre a temática, enquanto outros aprenderam mais sobre o conteúdo em suas vivências em sala de aula, ao longo dos seus anos de atuação.

Assuntos como gênero e sexualidade, são considerados mais complicados de serem abordados, as opiniões dos professores andam em caminhos distintos. De um lado, estão aqueles que priorizam o respeito e um diálogo aberto aos mais diversos pontos de vista. De outro, estão aqueles que se alinham às suas próprias concepções de vida, de acordo com ensinamentos

³ Nome fictício para uma mãe que contribuiu para a pesquisa na realização dos questionários semiestruturados.

bíblicos e outras ideologias que estabelecem um padrão relacionado à afetividade, salientando que “não há uma imposição”. Vale citar que,

Ao atuar como um profissional a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos, o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas. O professor, assim como o aluno, possui expressão própria de sua sexualidade que se traduz em valores, crenças, opiniões e sentimentos particulares. Não se pode exigir do professor uma isenção absoluta no tratamento das questões ligadas à sexualidade, mas a consciência sobre quais são os valores, crenças, opiniões e sentimentos que cultiva em relação à sexualidade é um elemento importante para que desenvolva uma postura ética na sua atuação junto dos alunos [...] (BRASIL, 1997, p. 84).

Por meio das conversações, vê-se que ainda existem muitas barreiras quando se trata de Educação Sexual na sua essência dentro da escola, principalmente pela seletividade realizada pelos profissionais ao escolher os assuntos “menos complicados” de trabalhar, que nada mais são, do que os assuntos que geram menos agitação, seja por falta de um entendimento amplo sobre o tema, ou pela falta de reflexão acerca das interpretações disseminadas socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, torna-se possível compreender a contribuição significativa da Educação Sexual para a construção e descoberta de identidade das crianças e adolescentes, tanto nos Anos Iniciais quanto nos Anos Finais do Ensino Fundamental, haja vista que, não se trata de escolher uma idade para que a temática esteja presente, mas de entender as etapas do desenvolvimento e as formas pelas quais a sexualidade se manifesta. Não se pode privar os educandos dos temas relacionados ao gênero e à sexualidade, mesmo que estes sejam velados perante a sociedade e empurrados dia após dia, de acordo com a concepção moral-tradicionista estabelecida pelo sexismo, preconceito e discriminação.

Vale ressaltar que, apesar de ainda ser encarada com repressão, ocorreram muitos avanços na forma como a Educação Sexual é vista pela sociedade, pela família e pela escola, e, ainda que não se tenha o reconhecimento esperado, caminha-se a cada dia para o alcance desse objetivo. A escola tem buscado desempenhar o seu papel nessa temática, cumprindo a sua responsabilidade com as crianças e adolescentes, entretanto, a Educação Sexual ocorre por meio de um processo que não depende apenas de um indivíduo, mas de todos que fazem parte do processo de desenvolvimento dos educandos.



A escola é um agente de mudança e transformação social, pois propiciará, à toda a sua comunidade, debates e reflexões, em que a Educação Sexual seja explorada de maneira responsável, contribuindo para que os alunos tenham maior conhecimento sobre si mesmo, sobre seu corpo, desenvolvendo autonomia, autocuidado e autoproteção, e, primordialmente, com a compreensão de si, é proporcionado o respeito à diversidade, pois, as limitações estabelecidas pelos grupos sociais em que as crianças e adolescentes se encontram inseridos, refletem diretamente na visualização de si e dos demais indivíduos a quem se relaciona.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

FURLANI, J. **Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RAFART, M. **Sexualidade Humana**. Curitiba: Intersaberes, 2020.